

POLÍTICA E DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA À LUZ DO *PENSIERO DEBOLE* DE GIANNI VATTIMO

POLITICS AND CONTEMPORARY DEMOCRACY IN LIGHT OF GIANNI VATTIMO'S *PENSIERO DEBOLE*

Anderson Mesquita Gomes¹

<https://orcid.org/0009-0004-7167-451X>

Antônio Glaudenir Brasil Maia²

<https://orcid.org/0000-0002-2772-9032>

Resumo: O presente artigo discute os desafios da democracia e da política no cenário contemporâneo, marcados ainda pela influência de estruturas metafísicas que reforçam verdades absolutas e limitam a pluralidade. Diante desse contexto, investiga-se como a crítica de Gianni Vattimo à tradição metafísica, a partir do *pensiero debole*, pode contribuir para a construção de uma democracia mais aberta e menos violenta. Dessa forma, o problema central que orienta esta reflexão é a necessidade de repensar a democracia sem recorrer a fundamentos fixos ou modelos universais. O objetivo do estudo é analisar de que modo o *pensiero debole* propõe uma política baseada na diversidade interpretativa e no enfraquecimento das estruturas fortes. A metodologia adotada consiste em uma análise filosófica e interpretativa das obras de Vattimo, complementada por leituras críticas relacionadas à sua proposta. Por fim, conclui-se que o afastamento da metafísica, tal como sugerido pelo filósofo italiano, é essencial para pensar formas democráticas mais plurais e emancipatórias.

Palavras-chave: Pensiero Debole. Democracia Contemporânea. Gianni Vattimo. Hermenêutica. Política.

Abstract: This article discusses the challenges faced by democracy and politics in the contemporary context, still marked by the influence of metaphysical structures that reinforce absolute truths and limit plurality. In light of this scenario, the study investigates how Gianni Vattimo's critique of the metaphysical tradition, through his notion of *pensiero debole*, can contribute to the construction of a more open and less violent democracy. The central problem guiding this reflection is the need to rethink democracy without resorting to fixed foundations or universal models. The objective of the study is to analyze how *pensiero debole* proposes a politics based on interpretative diversity and the weakening of strong structures. The methodology adopted consists of a philosophical and interpretative analysis of Vattimo's works, complemented by critical readings related to his proposal. It is concluded that distancing from metaphysics, as suggested by the Italian philosopher, is essential for thinking about more plural and emancipatory forms of democracy.

Keywords: Pensiero Debole. Contemporary Democracy. Gianni Vattimo. Hermeneutics. Politics.

¹ Especialista em Direito da Diversidade e Inclusão pela Legal e SA Filosofia. Discente do Mestrado Acadêmico em Filosofia na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Sobral, Ceará, Brasil. Email: andmesquita1@gmail.com / Currículo: <<http://lattes.cnpq.br/3351251158989491>>.

² Doutor em Filosofia, Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA / Sobral, Ceará, Brasil. Email: glaudenir_brasil@uvanet.br / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7315079682971494>.

1 INTRODUÇÃO

Gianni Vattimo (1936–2023) foi um filósofo italiano cujas obras se destacaram pela crítica à metafísica tradicional ocidental e pelo desenvolvimento do *pensiero debole*, conceito que propõe um pensamento mais aberto e pluralista, articulado por meio da hermenêutica e desvinculado de verdades absolutas. Sua reflexão filosófica teve desdobramentos em áreas como democracia, emancipação e hermenêutica, consolidando-o como uma referência na filosofia política contemporânea.

Embora sua atuação política seja frequentemente menos destacada em comparação às suas contribuições filosóficas (Giorgio, 2009, p. 113-114), o filósofo de Turim esteve diretamente envolvido em debates sobre democracia e sociedade, tanto no meio acadêmico quanto no político, tendo sido membro do Parlamento Europeu entre 1999 e 2004 e novamente entre 2009 e 2014 (Maia, 2021, p. 17). Com efeito, teve a oportunidade de colocar em prática suas inquietações teóricas, pois, como destaca Martinengo, “para Vattimo, além da política ser o campo de consequência da sua filosofia, ela também é o local em que o pensamento encontra ‘sua casa’” (Martinengo, 2018, p. 41).

Essa vivência permitiu-lhe relacionar sua teoria filosófica a questões concretas da realidade política, buscando compreender como a democracia pode se constituir sem recorrer às fundamentações último-normativas que caracterizam a tradição metafísica (Martinengo, 2018, p. 41). Assim, suas reflexões não apenas criticam as estruturas metafísicas que legitimam formas de opressão, mas também propõem alternativas que visam uma democracia mais pluralista e emancipada (Toro, 2020, p. 159), através da reconstrução filosófica delineada no itinerário do *pensiero debole*, a partir de uma ideia de emancipação pluralista.

Nesse cenário, diante da crítica de Vattimo às verdades absolutas e à tradição metafísica ocidental, coloca-se a seguinte indagação: como o seu itinerário filosófico pode contribuir para a reconstrução da política e da democracia na contemporaneidade, promovendo o distanciamento das estruturas fortes e favorecendo a emancipação? Logo, o objetivo deste artigo é analisar como o *pensiero debole* de Gianni Vattimo oferece subsídios filosóficos para a compreensão da política e da democracia no contexto contemporâneo, destacando sua crítica às estruturas totalizantes e sua proposta de uma democracia plural, participativa e emancipada.

Embora Vattimo ocupe uma posição de destaque na filosofia contemporânea, suas contribuições para a compreensão da política, especialmente no contexto da democracia atual, ainda permanecem pouco exploradas no meio acadêmico. Uma busca em bases de repertórios acadêmicos, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Google Acadêmico

e Scielo, revelou uma predominância de estudos centrados em suas reflexões sobre a filosofia da religião, enquanto sua filosofia política carece de investigação mais aprofundada. Essa lacuna evidencia a necessidade de uma análise que relacione o *pensiero debole* à democracia contemporânea, investigando as possibilidades dessa abordagem filosófica para repensar o exercício político em uma era pós-metafísica.

Além disso, adota a hermenêutica no horizonte do *pensiero debole*, a interpretação constitui uma via filosófica comprometida com a pluralidade, a historicidade e a recusa de verdades absolutas. Para o filósofo de Turim, a hermenêutica não deve ser compreendida como uma técnica de neutralização de sentidos, mas como uma abertura à multiplicidade, rejeitando qualquer tentativa de fixação conceitual (Vattimo, 1999, p. 32). Nesse sentido, ela se justifica, nesta investigação, como método capaz de acolher a contingência, a dialogicidade e a singularidade dos contextos em que os sentidos emergem (Maia; Oliveira, 2020, p. 109). Ao ser mobilizada como leitura imanente das obras de Vattimo, a hermenêutica aqui empregada evita pretensões de universalidade, assumindo o compromisso com a escuta das diferenças e com o enfraquecimento das estruturas fortes que sustentam racionalidades excludentes.

Ainda nessa perspectiva, serão trazidos elementos da herança de outros filósofos que contribuíram para a construção do *pensiero debole*, notadamente Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, pois ambos, em suas respectivas filosofias, são críticos da metafísica e refletem sobre a distorção provocada pelas verdades absolutas. Dessa forma, será discutida a crítica à metafísica e seus impactos gerais na política e na democracia; em seguida, será analisada a compreensão do *pensiero debole* como proposta de reconstrução filosófica no contexto pós-metafísico; por fim, será examinado como o *pensiero debole* pode servir de subsídio para a formulação de uma democracia mais aberta, pluralista e emancipada. Nesse contexto, a democracia contemporânea, conforme será desenvolvido ao longo deste artigo, é compreendida não como um modelo fixo, mas como um processo histórico e interpretativo contínuo, em constante abertura à pluralidade das interpretações.

2 A CRÍTICA À METAFÍSICA E SEUS IMPACTOS NA POLÍTICA E NA DEMOCRACIA

O pensamento de Vattimo se configura na passagem do pensamento metafísico para uma hermenêutica interpretativa, nesse processo, aproximando-se de uma concepção mais aberta e democrática. Dessa forma, o filósofo italiano se opõe às tentativas de estabelecer verdades universais, violentas e totalitárias, características que identifica como inerentes à tradição metafísica ocidental.

Na obra *Ontologia da Atualidade: um estudo sobre ética, religião e política em Gianni Vattimo*, Antônio Glaudenir Brasil Maia (2021, p. 131) observa que, para o turinense, a interpretação da metafísica revela sua natureza violenta, na medida em que reduz a liberdade ao impor verdades absolutas. Nesse sentido, ao se reconhecer a violência presente na própria noção de verdade, torna-se possível identificar os perigos das políticas que se fundamentam em princípios últimos (Maia, 2021, p. 33-34). Dessa maneira, delineiam-se os primeiros traços da relação entre a verdade metafísica e a violência, ressaltando que, ao impor uma pretensão absoluta, o resultado inevitável será a exclusão do dissenso e, por consequência, a violência.

Nesse cenário, é importante perceber que, no interior da tradição metafísica, a relação com a violência é mascarada. Vattimo e Zabala (2011, p. 33), em *Comunismo Hermenêutico – De Heidegger a Marx*, afirmam que as demandas de verdade são também demandas de poder político, resultando na violência. Isso significa que, ao se apresentar como única e indiscutível, a verdade passa a ser utilizada como critério de exclusão, delimitando o que pode ou não ser pensado, dito ou legitimado no espaço público. Nesse contexto, quem detém o poder de definir o que é verdadeiro também detém o poder de silenciar outras interpretações, produzindo, assim, formas de violência.

Assim, ao relacionar a verdade à política e estabelecer uma única ideia como legítima, o que se promove é a dominação da sociedade por meio de uma legitimação totalizante que silencia outras perspectivas possíveis. O filósofo italiano, portanto, insiste que romper com essa estrutura é condição necessária para se pensar uma democracia que acolha a pluralidade e a multiplicidade de interpretações.

Além disso, Vattimo e Zabala (2011, p. 33) também afirmam:

Se a demanda de verdade é também a demanda de poder político, isto é, violência, em si esta mesma violência não é outra coisa senão que o silenciamento do outro interlocutor por meio de um diálogo aparente; a verdade e a violência se envolvem intercambiavelmente.

Nesse sentido, os autores citados (2011, p. 33) compreendem que a violência se manifesta justamente quando a política é silenciada, impedindo o diálogo necessário à pluralidade. Eles ainda destacam que “[...] o silenciamento do outro por meio do diálogo, isto é, um ato de violência pelo bem da preservação da verdade” (Vattimo; Zabala, 2011, p. 40). Com isso, indicam que, quando o diálogo se subordina a uma verdade previamente estabelecida, ele perde seu caráter de abertura e se transforma em instrumento de exclusão. O outro é ouvido apenas para ser enquadrado na verdade dominante, e não para que sua diferença seja acolhida como legítima.

Dessa maneira, quando ocorre a redução da liberdade (com a supressão do diálogo e a impossibilidade de consenso na determinação das demandas sociais), prevalecem estruturas de poder que, em última análise, resultam na violência.

Nesse contexto, como destaca o filósofo italiano, a verdade única imposta pela tradição metafísica não apenas silencia o dissenso, mas também legitima formas de dominação ao apresentar como necessário aquilo que, na verdade, serve apenas para impedir resistências e conservar as estruturas de poder (Vattimo; Zabala, 2011, p. 33).

Portanto, para Vattimo, criticar a metafísica não significa apenas envolver-se em um debate filosófico abstrato. Trata-se de um movimento essencial para repensar o mundo e suas dinâmicas de poder. Ao renunciar às verdades absolutas, torna-se possível conceber um espaço mais aberto à diversidade, no qual a interpretação e a pluralidade não são encaradas como ameaças, mas como condições necessárias tanto para o pensamento quanto para a construção de uma sociedade mais democrática.

Nesse sentido, se a metafísica e a verdade operam como instrumentos de imposição e controle, afastar-se da metafísica significa também afastar-se da dominação e do poder (Mota, 2021, p. 18). Logo, a partir do momento em que não se tem uma verdade imposta, ampliam-se as possibilidades de resistência e de surgimento de outras formas de interpretação. Nesse contexto, Vattimo e Zabala (2011, p. 38) compreendem que, para ultrapassar a metafísica, é necessário abandonar o conceito de verdade absoluta para alcançar a democracia, pois, como afirmam, “[...] o final da verdade é o começo da democracia” (Vattimo; Zabala, 2011, p. 38). Assim, para o filósofo de Turim, a verdade não é fixa, posta ou universal; ela é construída pelas circunstâncias da sociedade naquele momento e pela história que a envolve (Ruiz, 2016, p. 26).

Dessa forma, Vattimo concebe uma democracia que tem por base o pluralismo. A característica da pluralidade está diretamente relacionada com a hermenêutica, pois esta permite a superação das compreensões absolutas e orienta-se pelo conflito interpretativo como horizonte inevitável (Rivera, 2022, p. 212).

Como já foi mencionado na introdução, o italiano recorreu aos itinerários filosóficos de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger para desenvolver sua própria crítica à metafísica. Em Nietzsche, observa que a história da filosofia é marcada pela tentativa de fornecer respostas definitivas aos questionamentos que emergem com o desenvolvimento da sociedade. Nesse cenário, a metafísica surge como um esforço de criar segurança frente às transformações do mundo, estabelecendo verdades absolutas como forma de tranquilizar e resistir às críticas (Vattimo, 2019, p. 142). No entanto, considerando que a transformação é inerente à sociedade e ao próprio pensamento, cabe também à filosofia refletir sobre essas mudanças. Assim, toda

tentativa de assegurar estabilidade ou exercer controle sobre a sociedade restringe a emancipação do indivíduo, ao impedir o surgimento de reflexões divergentes e questionamentos ao que já foi instituído. Em última análise, esse controle acaba por impedir que a democracia se reinvente diante das constantes mutações históricas — algo que Vattimo procura combater ao propor o declínio da metafísica como uma condição necessária para a abertura e a pluralidade.

Quanto à interpretação de Heidegger, o filósofo italiano compreende que aquele reconhece a necessidade de uma superação radical da metafísica, uma vez que, dentro dela, o ser passa a ser pensado como objeto manipulável. Nesse sentido, para transformar o mundo, é preciso reconhecer que a metafísica não pode ser simplesmente abandonada, mas deve ser reinterpretada de maneira crítica e desconstrutiva (Vattimo; Zabala, 2011, p. 12).

Assim, a crítica à metafísica em Heidegger não se limita à dimensão conceitual, mas possui também um fundamento ético, baseado na preocupação com o risco de uma sociedade guiada exclusivamente pela ciência e pela técnica e, portanto, por uma racionalidade metafísica que reduz o ser humano à condição de objeto (Vattimo, 1996, p. 159).

A compreensão da dimensão ética e política dessa crítica à metafísica manifesta-se também na seguinte passagem de Vattimo, que evidencia como a metafísica não apenas estrutura modos de pensar, mas igualmente de agir:

Um pensamento que identifica o ser e o ente, e reduz assim a existência humana à objetividade, prepara – e mesmo determina – uma prática ética e política que pensa poder planificar e manipular os homens exatamente como os objetos. Não são, sobretudo, razões teóricas as que levam Heidegger a recusar e criticar a Metafísica; são razões ético-políticas, as mesmas que inspiraram as vanguardas artísticas e intelectuais do começo do século, por exemplo, o expressionismo ou Ernest Bloch (Vattimo, 1996, p. 152).

Por isso, o filósofo de Turim compreende a necessidade de uma crítica radical à metafísica. Ao utilizar o termo “radical”, Vattimo destaca que a metafísica deve ser entendida como mais uma corrente filosófica, passível de ultrapassagem diante das verdades absolutas e da violência que ela historicamente procurou impor. Nessa direção, a radicalidade não se limita a uma simples recusa formal, mas exige uma transformação profunda das estruturas de poder que a tradição metafísica consolidou. Portanto, o afastamento das estruturas fortes associadas à metafísica — sobretudo no âmbito político — revela-se necessário para enfrentar as limitações interpretativas e os domínios autoritários que bloqueiam não apenas o exercício da democracia, mas também o próprio horizonte da emancipação.

Assim, compreendido o modo como Vattimo interpreta a metafísica tradicional ocidental e sua relação com a política, observa-se que o estabelecimento de verdades absolutas e de estruturas fortes conduz inevitavelmente a uma concepção unitária e uniforme da democracia, reforçando uma lógica de pensamento único e violento, que impede a possibilidade de se pensar a realidade de outras formas. Diante desse quadro, o filósofo italiano vê a necessidade de reconstruir a concepção da filosofia para afastar-se dessa compreensão metafísica absoluta de democracia imposta.

Nesse sentido, para repensar a política em um contexto pós-metafísico, Vattimo mobiliza seu itinerário de pensamento denominado *pensiero debole*, o qual abrirá caminhos para uma nova compreensão da democracia baseada no pluralismo e na emancipação.

Com esse cenário em mente, torna-se necessário examinar como o *pensiero debole* surge como resposta a essas críticas à metafísica e como ele poderá abrir novas possibilidades para a democracia contemporânea.

3 *PENSIERO DEBOLE*: BASES FILOSÓFICAS PARA UMA NOVA COMPREENSÃO DA POLÍTICA

Conforme mencionado, ao analisar o cenário político, Vattimo observa que ele se estrutura sobre os fundamentos da metafísica e, ao fazer isso, resulta no estabelecimento de estruturas fortes. Para superar esse quadro, ele mobiliza o *pensiero debole* como instrumento de reconstrução de uma nova compreensão da política e da democracia.

Assim, o *pensiero debole* foi constituído a partir da crítica à metafísica e às essências absolutas que marcam sua tradição filosófica. No entanto, ele não se limita a realizar tal crítica, pois também apresenta contribuições no campo teórico e político (Mota, 2021, p. 17). Logo, o *pensiero debole* não se configura como um pensamento global (Maia, 2021, p. 44); pelo contrário, busca a dissolução dos discursos totalizantes.

Segundo a apresentação feita por Dalmo Radimack da Silva (2021, p. 7) no livro *Uma torção no comunismo: ontologia, hermenêutica e política em Vattimo*, o *pensiero debole* se apresenta como uma crítica à busca pelo poder que historicamente foi entendida como a única meta na conjuntura política. Nesse sentido, ele constitui um movimento antifundacional que confronta o legado metafísico, tomando como base as reflexões de Nietzsche e Heidegger (Silva, 2021, p. 8).

Nesse contexto, Maia (2021, p. 43), afirma que “o *pensiero debole* não define ‘nenhum’ fundamento”. Portanto, ele não representa a culminância de uma fundamentação última ou absoluta, mas sim um meio, uma passagem, um direcionamento (Maia, 2021, p. 43). Ao ser

analisado o Ser na sua atualização, no presente, ele deixaria de ser uma entidade fixa para tornar-se um acontecimento, um evento (Milla, 2013, p. 158).

É nesse cenário que o ser deixa de ser pensado como fundamento para ser compreendido como evento (Maia, 2021, p. 43). Na tradição metafísica, o ser era analisado como fundamento, o que significava a necessidade de um princípio totalizante que legitimasse sua existência — princípio este concebido como uma verdade absoluta. Já no *pensiero debole*, ao pensar o ser sob a ótica do evento, dispensa-se a exigência de um fundamento legitimador. Trata-se, portanto, de uma nova ontologia (Maia, 2021, p. 43) que compreende o ser a partir do presente e considera a realidade como algo que se dá como evento. Por essa razão, Vattimo afirma, no seu livro *Dialettica, differenza e pensiero debole* (1983, p. 23), que “[...] o Ser não é, mas acontece [...]”.

O *pensiero debole* não se afasta da ideia de verdade, mas propõe compreendê-la de outra maneira: uma verdade debilitada, frágil, que não pode mais ser considerada universal, nem utilizada como recurso para legitimar estruturas fortes (Mota, 2021, p. 15). Dessa forma, o *pensiero debole* de Vattimo apresenta uma inclinação para a política, tendo como uma de suas motivações a busca pela emancipação (Mota, 2021, p. 25) desvinculada da violência e das características próprias das verdades totalizantes estabelecidas pela tradição metafísica.

Assim, ancorado na reflexão sobre a morte de Deus em Nietzsche e no enfraquecimento da metafísica em Heidegger, o *pensiero debole* busca criar condições políticas para a redução da violência, do poder e da dominação (Mota, 2021, p. 15).

Por meio dessa reflexão, o *pensiero debole* é considerado a ‘ontologia da atualidade’, pois dissolve as metanarrativas e os fundamentos imutáveis. O uso do termo “atualidade” está relacionado à análise do presente, que rejeita qualquer tentativa de fundamentação totalizante da realidade.

Dessa forma,

A “Ontologia da atualidade” se ‘constitui’-se, desse modo, como Filosofia do presente que tem a possibilidade de interpretá-lo sem retomar às estruturas metafísicas tradicionais e leva em conta o estado da Ontologia no fim da Metafísica. A Filosofia, assim compreendida, posiciona-se como alternativa à época do declinar da Metafísica, considerando-a, portanto, como a marca própria da atualidade, ou seja, a atualidade tomada como época do declinar da Metafísica (Maia, 2021, p. 68).

Nesse sentido, o *pensiero debole* não pode ser interpretado como um sistema fechado ou uma doutrina que pretenda afirmar uma verdade superior, pois isso implicaria um retorno à metafísica, exatamente aquilo que Vattimo procura evitar.

Por isso, a hermenêutica, através das reflexões do filósofo italiano, não busca estabelecer um caminho único a ser seguido ou uma verdade a ser fixada; ao contrário, ela propicia uma abertura, fundada na experiência, sem condutas ou normas previamente determinadas. Ela se torna uma alternativa para viabilizar diversas interpretações da realidade. Nesse percurso, Vattimo concebe uma democracia baseada no pluralismo. A marca da pluralidade, nesse contexto, está profundamente vinculada à hermenêutica, que rompe com compreensões absolutas e reconhece o conflito de interpretações como destino inevitável da convivência humana (Rivera, 2022, p. 212).

É nesse horizonte que a reflexão sobre a democracia contemporânea e o enfraquecimento das estruturas fortes ganha espaço, como será desenvolvido a seguir.

4 DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA E O ENFRAQUECIMENTO DAS ESTRUTURAS FORTES

Partindo das bases teóricas do *pensiero debole*, é possível avançar na análise de seus desdobramentos no campo da política e da democracia contemporânea.

Fica claro o posicionamento de Vattimo diante da compreensão unitária e universal da política: ele sustenta que a filosofia não pode buscar um ponto de vista fundativo, pois a eficácia da política estaria ligada a alguma forma de poder soberano — como a figura de um príncipe, antigo ou moderno —, resultando, inevitavelmente, em autoritarismo (Vattimo, 2016, p. 53). Dessa maneira, torna-se necessário explorar outras formas de conhecimento que não estejam alinhadas a uma verdade absoluta e que, portanto, busquem uma renúncia ao poder como fundamento do saber e da ação política.

Assim, a ausência de participação da sociedade e o controle dos meios de comunicação em massa, como se via nas estruturas metafísicas, representam um perigo para a democracia contemporânea e, conseqüentemente, para o pensamento crítico, dificultando a emancipação que o filósofo de Turim defende. Entretanto, é preciso reconhecer que os meios de comunicação também podem ser usados para minar a própria democracia. Governos autoritários, por exemplo, frequentemente manipulam informações para reforçar seu poder. Na Rússia, o controle estatal sobre a mídia assegura que mensagens favoráveis ao governo sejam amplamente divulgadas, enquanto as críticas são censuradas (Field, 2018, p. 12). Esse controle limita o debate público e enfraquece a pluralidade de opiniões, características fundamentais para a existência de um sistema democrático.

No horizonte da metafísica, a promessa democrática muitas vezes acaba sendo associada a interesses econômicos ou geopolíticos, o que compromete sua legitimidade e a distancia da

realidade vivida pela maioria da população. Esse distanciamento contribui para o fortalecimento de democracias meramente formais que, embora sustentadas por procedimentos institucionais, acabam esvaziadas de conteúdo efetivo.

Nesse ponto, conforme já indicado, Vattimo chama atenção para o risco de uma democracia que se torna apenas uma máscara para outros interesses, à medida que repete estruturas e práticas sem promover mudanças concretas na vida das pessoas. Para o italiano, é preciso reabrir o debate sobre o que se entende por democracia e sobre o que se espera dela, compreendendo-a não como um ideal fixo ou acabado, mas como um processo contínuo de construção e reconstrução.

Ao se buscar impor a metafísica na democracia, esta deixa de ser um espaço de pluralidade e passa a funcionar como instrumento de legitimação totalizante. Dessa maneira, em vez de configurar-se como um processo dinâmico e inclusivo, ela se converte em uma estrutura rígida, que restringe o pensamento e impede a diversidade de ideias que deveriam, justamente, sustentá-la e permitir sua constante renovação emancipadora.

Nesse sentido, Vattimo compreende, desde o início, que não há possibilidade de relacionar a democracia à metafísica, pois isso resultaria em um sistema que contraria a própria proposta democrática: proporcionar a diversidade. O efeito seria a imposição de estruturas fortes, que aprisionam a liberdade e inviabilizam a realização de interpretações diferentes das verdades absolutas impostas, culminando, portanto, em uma compreensão universal da emancipação, justamente o que ele pretende evitar.

Portanto, sua crítica não busca apenas ressignificar a noção de verdade, mas também criar abertura para uma democracia efetivamente plural, na qual o debate entre múltiplas vozes promova uma emancipação que não esteja subordinada a qualquer fundamento último ou totalizante.

Dentro desse contexto, Vattimo (2016, p. 26) afirma que "Lá onde a política busca a verdade não pode existir democracia." A partir disso, o próprio filósofo de Turim (2016, p. 154) se pergunta: como, com o fim da metafísica, onde a política e a democracia não podem mais ser pautadas pela verdade absoluta, pensar uma democracia que não recaia em outra essência metafísica e que, de fato, possibilite a emancipação? Que tipo de filosofia pode propor — ou que Vattimo poderia propor — que diga adeus à verdade e ao autoritarismo?

Dessa forma, Vattimo passa a refletir sobre a democracia contemporânea a partir de uma era pós-metafísica, utilizando como guia o seu itinerário filosófico, o *pensiero debole*. Seu pensamento enfraquecido propõe uma via alternativa, que não busca substituir uma verdade absoluta por outra, mas abrir-se à multiplicidade de racionalidades. Nessa direção, o *pensiero*

debole torna-se um caminho para pensar uma democracia orientada pela diversidade, pela historicidade e pela renúncia às verdades únicas — como será aprofundado no capítulo seguinte. Esse deslocamento político, promovido pela crítica à metafísica, constitui o ponto de partida para a formulação de uma proposta de emancipação desvinculada de fundamentos totalizantes.

Se não há mais uma busca por um fundamento absoluto, nem uma orientação inflexível rumo ao futuro (dada a diversidade interpretativa aberta pela hermenêutica), surge, então, a pergunta: para onde a hermenêutica estaria conduzindo? O primeiro caminho possível, com o declínio da metafísica, é o de uma sociedade sem concepções totalitárias, o que favorece a redução da violência e abre espaço para compreensões diversas da realidade (Giorgio, 2009, p. 121). Isso porque, para o filósofo de Turim, "o fim da metafísica, na política, tem [...] o seu autêntico paralelo na afirmação da democracia" (Vattimo, 2003, p. 28 *apud* Giorgio, 2009, p. 121), reafirmando a ideia de que, para se pensar uma democracia no contexto contemporâneo — como já mencionado anteriormente —, é necessário, primeiramente, romper com a metafísica e, assim, afastar-se dos fundamentos absolutos (Giorgio, 2009, p. 121).

O fim da metafísica, portanto, dá lugar ao que Vattimo chama de niilismo hermenêutico, no qual a realidade deixa de ser concebida como um conjunto fixo de verdades absolutas e passa a configurar-se como um jogo contínuo de interpretações. Nesse cenário, a objetividade deixa de ser um critério universal de verdade, e a pluralidade hermenêutica se impõe como a única forma possível de compreensão. A verdade, então, deixa de ser algo dado e definitivo, passando a ser constantemente mediada pela interpretação, dissolvendo, assim, qualquer pretensão de um acesso direto e incontestável à realidade.

O filósofo italiano expressa essa visão ao afirmar que:

Os conceitos que regem a metafísica — como a ideia de uma totalidade do mundo, de um sentido unitário da história, de um sujeito egocêntrico capaz de eventualmente apropriar-se dela — revelam-se como meios de disciplina e segurança que não são mais necessários no quadro das atuais capacidades da tecnologia para dispor dela (Vattimo, 1995, p. 16, tradução nossa).

Dessa forma, Vattimo não apenas questiona a permanência da metafísica como critério de verdade, mas também indica a superação de sua função tradicional de controle e ordenação da sociedade.

Ao refletir sobre a democracia, não é possível estabelecer uma estrutura fixa e universal, pois cada democracia, especialmente no contexto contemporâneo, carrega as marcas de seu próprio percurso histórico e cultural. Portanto, em razão dessas particularidades condicionadas por cenários específicos, torna-se inviável propor uma democracia idealizada e única. Nesse

horizonte, o filósofo de Turim propõe uma democracia pautada pela pluralidade, em oposição a um pensamento único baseado numa razão definitiva e imutável.

Dessa maneira, a política não pode objetivar unicamente a verdade; ela precisa ser orientada pelo consenso democrático (Vattimo, 2016, p. 52). Vattimo entende que apenas ao ultrapassar a metafísica — e, com ela, a busca por uma verdade universal — é que pode-se afirmar uma democracia genuína: “A conclusão a que procuro chegar é que o adeus à verdade é o início, e a própria base, da democracia” (Vattimo, 2016, p. 15).

O abandono da ideia de emancipação como universalidade, entendida sob a ótica metafísica, também resulta na redução da violência e da opressão, ambas associadas diretamente a um fundamento totalizante. A partir do *pensiero debole*, e na ausência de uma verdade absoluta imposta, não haveria mais necessidade de recorrer à violência para assegurar essa imposição (Giorgio, 2009, p. 122-123).

No cenário pós-metafísico, tanto a democracia quanto a emancipação deixam de ser concebidas como modelos universais ou fundamentos último-normativos (Vattimo, 2019, p. 144). Em seu lugar, são construídas a partir do diálogo, do consenso e da diversidade interpretativa. Vattimo sugere que a crítica à metafísica é indispensável para libertar a democracia de estruturas opressoras, permitindo que ela se torne um espaço de pluralidade e verdadeira inclusão. Sob essa perspectiva, uma democracia ancorada na metafísica revela-se opressora, pois impõe um modelo único de pensamento, bloqueando a multiplicidade e a diversidade — inclusive no campo da emancipação.

Com isso, para o turinense (Vattimo, 2019, p. 141), entender e criticar a metafísica torna-se uma tarefa central da filosofia contemporânea, sobretudo no contexto da democracia atual. Ele propõe que essa crítica seja efetivada por meio do *pensiero debole*. Nesse contexto, Vattimo compreende que, na sociedade contemporânea, apenas um horizonte pós-metafísico é viável, no qual o pensamento não se sustente mais sobre autoridades absolutas ou discursos irrefutáveis. A força unitária, baseada no poder e na dominação, deixaria de ocupar um papel central, último ou fundamentalista (Maia, 2021, p. 17), favorecendo o abandono da racionalidade totalizante. Para o italiano, essa abertura torna-se possível através do *pensiero debole*, que se apresenta como uma alternativa às estruturas rígidas, opressoras e violentas, promovendo a diversidade, a pluralidade e a descentralização do pensamento, permitindo diversas interpretações sobre os fenômenos.

Diante disso, é necessário compreender como o *pensiero debole* pode oferecer um caminho para repensar a democracia contemporânea, garantindo que ela não se fundamente em

estruturas rígidas ou totalizantes, mas que permaneça aberta, plural e menos propensa a recair em formas autoritárias.

Dessa maneira, *o pensiero debole* de Vattimo analisa o ser a partir do presente, razão pela qual recebe o nome de Ontologia da Atualidade. Ao contrário dos pressupostos metafísicos, que se baseiam em princípios imutáveis, Vattimo propõe que a ontologia da atualidade deve considerar as condições específicas do tempo presente (Maia, 2021, p. 25). Não se trata, portanto, de conceber uma ontologia universal e inalterável, mas de fundamentá-la na reflexão sobre o contemporâneo. Por essa via, a nova ontologia, segundo o que se desenvolveu até aqui, revela-se uma das mais coerentes para se refletir sobre as questões da democracia no mundo atual.

Nesse horizonte, o filósofo de Turim utiliza a Ontologia da Atualidade para desvincular o pensamento das estruturas fortes (Maia, 2021, p. 18) e de suas consequências de aprisionamento. Seu objetivo não é estabelecer um pensamento fixo sobre o presente, mas abrir espaço para múltiplas possibilidades de interpretação. É nesse sentido que a Ontologia da Atualidade se caracteriza pela libertação da estrutura metafísica (Maia, 2021, p. 41), promovendo, a partir do *pensiero debole*, a emancipação do ser. Assim, a filosofia de Vattimo nos oferece instrumentos para pensar a existência humana em seu caráter histórico, plural e aberto.

Com isso, Vattimo (2016, p. 54) compreende que pensar a emancipação em uma democracia contemporânea não é possível enquanto nos mantivermos presos aos fundamentos da metafísica. Por essa razão, recorrerá ao *pensiero debole* como alternativa para escapar dessas fundamentações totalizantes.

Em vista disso, para o filósofo italiano, só se torna possível falar em uma emancipação efetivamente plural no contexto da democracia contemporânea quando há um distanciamento real da metafísica. Afinal, como aponta Maia (2016, p. 561-581), Vattimo entende que o fim da metafísica representa, em si mesmo, a realização da democracia.

Nesse sentido, o turinense propõe uma democracia que se apoie no pluralismo. A pluralidade, para ele, não é apenas uma característica entre outras, mas a própria essência de uma democracia que recusa os absolutos. Essa abertura está intimamente ligada à hermenêutica, que possibilita a superação de compreensões fixas e tem como horizonte inevitável o conflito de interpretações.

Deste modo, o pensamento de Vattimo se configura como um convite à construção de uma democracia que não se esgota em moldes pré-estabelecidos, mas se reinventa continuamente a partir da diversidade e do diálogo.

É a partir dessa base que, no capítulo seguinte, será possível aprofundar a análise sobre como o *pensiero debole* oferece novas perspectivas para compreender a democracia contemporânea e suas possibilidades de emancipação. Essa compreensão abre o caminho para consolidar uma reflexão sobre as contribuições do *pensiero debole* para a reconstrução da política e da democracia na atualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, o *pensiero debole* de Gianni Vattimo se apresenta motivado por um princípio ético-político, na medida em que não apenas nega as estruturas violentas, mas também aponta para um modo de comportamento atento às possibilidades de diálogo e à multiplicidade de perspectivas. Seu surgimento, vinculado à crítica da metafísica, não busca instaurar uma nova filosofia dominante, mas insiste na abertura e na provisoriedade como características centrais do pensamento contemporâneo.

Essa orientação exige que o *pensiero debole* permaneça buscando uma constante valorização para não se converter em uma nova forma de estrutura forte. Seu propósito não é corrigir a metafísica, mas sim oportunizar um distanciamento que permita pensar sem recorrer a verdades fixas ou fundamentos imutáveis. Nesse horizonte, a filosofia deixa de reivindicar uma posição de superioridade e passa a acolher a historicidade e a diversidade de compreensões próprias da existência humana.

Ao recusar a busca por fundamentos absolutos, o *pensiero debole* abre espaço para pensar uma democracia que possibilita uma diversidade interpretativa e na pluralidade cultural. Em vez de propor um modelo fechado, definitivo e indiscutível, ele compreende a democracia como um processo contínuo de negociação e construção histórica, capaz de acolher as diferenças sem submeter-se a uma razão única.

Esse deslocamento teórico e político impulsiona uma proposta de emancipação que não depende de princípios universais, mas se afirma no reconhecimento da multiplicidade de narrativas e experiências. A valorização das histórias singulares, tanto individuais quanto coletivas, rompe com a lógica de uniformização que marcou a tradição metafísica.

Nesse quadro, a democracia contemporânea, tal como pensada a partir do *pensiero debole*, não se estrutura como um sistema acabado, pronto em definitivo, mas como uma possibilidade aberta, marcada pela renúncia às certezas absolutas e possibilidade interpretações de outras formas de pensamento. Assim, o distanciamento da metafísica torna-se condição para a efetivação de uma democracia contemporânea que acolha a pluralidade e permita a realização da emancipação em seu sentido mais aberto e histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FIELD, Anjalie et al. Framing and Agenda-setting in Russian News: a Computational Analysis of Intricate Political Strategies. *arXiv preprint arXiv:1808.09386*, 2018. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/1808.09386>>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- GIORGIO, Giovanni. La portata politica del “pensiero debole” di Gianni Vattimo. *Trópos. Revista di ermeneutica e critica filosofica*, Torino, v. 2, n. 1, p. 1-10, mag. 2009. Disponível em: <<https://ojs.unito.it/index.php/tropos/article/view/7588>>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- MAIA, Antonio Glaudenir Brasil; OLIVEIRA, Renato A. de (Orgs.). *Política, Religião e Emancipação: leituras contemporâneas*. Sobral-CE: SertãoCult, 2020.
- MAIA, Antonio Glaudenir Brasil. *Ontologia da Atualidade: um estudo sobre ética, religião e política em Gianni Vattimo*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.
- MAIA, Antonio Glaudenir Brasil. Pensiero debole, democracia e comunismo: a questão política no pensamento de Gianni Vattimo. *Conjectura: filos. e Educ.* [online]. 2016, vol.21, n.3, pp.561-581. Disponível em: <<http://www.addthis.com/bookmark.php?v=250&username=xa-4c347ee4422c56df>>. Acesso em: 25 mai. 2024.
- MARTINENGO, Alberto. La política como filosofía primera. In: OÑATE y ZUBIA, María Teresa; GOURHAND, Vanesa; MARTÍ BLASCO, Lara; DÍAZ ARROYO, José Luis (Coords.). *Pensamiento al Margen*. Madrid: Hercritia 2019. p. 40-49.
- MILLA, Ricardo. *Hermenéutica política. La Critica Post-Moderna de Gianni Vattimo a la Metafisica*. Tese (Doutorado) – Pontificia Universidad Catolica del Peru, Lima, Peru, 2013.
- MOTA, Maurício Sandro de Lima. *Uma torção no comunismo: ontologia, hermenêutica e política em Vattimo*. Apresentação: SILVA, Dalmo Radimack da. 1ed. Jundiaí: Paco, 2021.
- RIVERA, Víctor Samuel. Gianni Vattimo: política y democracia. Más conflicto que diálogo. *Analecta Política*, [s. l.], v. 11, n. 21, p. 201–224, 2022. DOI: 10.18566/apolit.v11n21.a02. Disponível em: <<https://revistas.upb.edu.co/index.php/analecta/article/view/7184>>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- RUIZ, Erly. La Edificación de la Tiranía: aproximación a la Filosofía Política de Gianni Vattimo. *Revista Venezolana de Análisis de Coyuntura*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 113–132, 2023. Disponível em: <http://saber.ucv.ve/ojs/index.php/rev_ac/article/view/25301>. Acesso em: 19 out. 2024.
- TORO, Ricardo Milla. Introducción a la hermenéutica política: Emancipación y democracia en Gianni Vattimo. *Iconoclasia. Investigaciones sobre y desde Marx*, n. 2, p. 147-168, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Milla-Toro/publication/354822269_Introduccion_a_la_hermeneutica_politica_Emancipacion_y_de_mocracia_en_Gianni_Vattimo/links/614e68a0522ef665fb5a8169/Introduccion-a-la-

hermeneutica-politica-Emancipacion-y-democracia-en-Gianni-Vattimo.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024

VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo. *Il Pensiero Debole*. 1995.

VATTIMO, Gianni; ZABALA, Santiago. *Comunismo hermenéutico* – de Heidegger a Marx. Columbia University Press. 2011.

VATTIMO, Gianni. *Adeus à verdade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

VATTIMO, Gianni. *Da realidade: finalidades da filosofia*. São Paulo: Vozes, 2019.

VATTIMO, Gianni. Dialettica, differenza e pensiero debole. In: VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier A. *Il Pensiero Debole*. Milano: Feltrinelli Editore, 1983.

VATTIMO, Gianni. Diferir a metafísica. *O que nos faz pensar*, n. 10, v. 1, out. 1996.

VATTIMO, Gianni. Ermeneutica, democrazia, emancipazione. *Carte Italiane*, v. 1, n. 16, 1999. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/6mw8x04g>>. Acesso em: 8 fev. 2025.